



Sociedade

REPORTAGEM. ÁGUIAS E FALCÕES COMBATEM PRAGAS ANIMAIS

# JÁ CONHECE A NOVA EMPREGADA DO PORTO DE LISBOA?





Trabalha no Porto de Lisboa desde o dia 19 de Março. Com a ajuda do tratador, Hugo Sousa, afasta gaivotas

## Afastam gaivotas dos cruzeiros e pombos dos centros comerciais. As aves de rapina vieram para ficar, a patrulhar os céus das cidades.

Por **Maria Espírito Santo**

Quando chega, pelas 7 da manhã, ainda está frio e nublado. A estrutura de vidro, que rodeia o terraço, está embaciada: é o momento ideal para fazer voar a águia: "Só assim é que ela consegue ver o vidro e situar-se no espaço", explica Hugo Sousa. O tratador ainda está nos primeiros dias do novo trabalho com cenário privilegiado: de um lado tem a vista desafogada sobre Lisboa, do outro o rio Tejo. Está no topo do novo porto de cruzeiros de Lisboa, que contratou o serviço do especialista e de duas águias antes de arrancar a época alta, com o habitual corre-corre de navios e turistas.

Lisboa segue os passos de outras grandes cidades. No fim do ano passado, Paris contratou cinco falcões para afugentar os pombos do 10<sup>ème</sup> arrondissement (que causam danos de 150 mil euros anuais nos edifícios) e no início deste ano Vancouver (Canadá) iniciou o projecto piloto com um falcão-peregrino numa estação de comboios (os pombos não só sujaram tudo como fazem disparar alarmes que obrigam as carruagens a parar). Já no Dubai, este serviço é contratado por hotéis desde o fim da década de 90.

No porto de cruzeiros, a ideia é afugentar as gaivotas e tudo começou no passado dia 19. Os animais não só criam ruído como sujaram os edifícios e põem em causa a segurança. "São zonas de circulação" ■

## Sociedade

de passageiros, de carregamento de mantimentos – temos de ter cuidado para não criar situações de infecção”, explica Ricardo Ferreira, director-geral do porto de Lisboa. “Não podemos esquecer que o grande drama dos cruzeiros são as doenças a bordo, aquilo fica ali confinado e é uma incubadora gigante de doenças.”

Hugo Sousa é falcoeiro há 17 anos, trabalha em controlo de pragas há 11. Quer isto dizer que usa as técnicas de falcoaria (a arte de caçar com a ajuda de aves de rapina, que tanto podem ser falcões como águias) para afugentar pombos ou gaiótas. Já fez controlo de pragas em vários locais, de aterros ao aeroporto de Lisboa. Também viaja para dar formações sobre o assunto: o Brasil costuma ser um destino recorrente.

Ainda não completou quatro dias de trabalho no Porto de Lisboa – está a habituar-se ao espaço e às aves. São duas, um macho e uma fêmea que pernoitam por lá numa gaiola opaca, em forma de *teepee*. Faz voos alternados com ambas, mas não há horários rígidos – nem pode haver, porque as gaiótas percebem as rotinas. Está atento aos detalhes: avança até uma das extremidades do terraço e aponta para o chão. “Quero perceber se estes mexilhões já cá estavam ou se elas [gaiótas] estão a voltar.”

Transporta a águia de braço no ar, sempre de postura irrepreensível. “Tem de se pegar na ave como se se pegasse num copo de água.” A



RICARDO FERREIRA

As crianças que-rem fazer festas. Mas também há quem fuja, diz Alberto Silva, a trabalhar no Centro Vasco da Gama

**NÃO PODE HAVER HORÁRIOS RÍGIDOS: AS GAIÓTAS PERCEBEM AS ROTINAS DO PREDADOR**

Hugo Sousa retira uma das aves da gaiola de madeira onde pernoita, no Porto de Lisboa

fêmea ainda não voa porque está em fase de treino. Quer dizer que quando não está a passear no terraço do edifício, no braço do falcoeiro, está a fazer voos controlados (com a ajuda de uma corda) ou a seguir o rol, um objecto que serve de isco, feito com asas de pombo. Ainda não alcançou a forma física ideal, explica Hugo Sousa: “São como atletas. Tem de se controlar o alimento, o peso e a actividade.”

Consigo traz pedaços de codorniz e pintos – os últimos compram-se congelados, precisamente para este propósito – para dar às águias. Os animais funcionam na lógica da recompensa mas também acatam ordens. “Oh” é o som grave que faz

## Uma arte antiga

**A família real até tinha uma falcoaria própria**

**Em 2016**, a falcoaria portuguesa foi considerada património imaterial pela UNESCO – mas a história é mais antiga. Entre os séculos XIV e XVII foi o apogeu: a casa real tinha falcoaria própria, em **Salvaterra de Magos** (onde hoje existe um museu). A prática entrou em decadência com o aparecimento das armas de fogo (usadas também na caça).

para as chamar: “Há quem use apito mas eu não gosto. É que se o perdemos...” A fase de habituação é sempre propícia a aventuras: no início da semana teve que ir buscar uma das águias a uma árvore, ali perto. “Não fugiu”, sublinha. “Apanhou uma rabanada de vento e foi para longe. Eu tive que descer [à rua] para ela me ver e voltar.”

## Gaiótas que detectam fraudes

Existem outros métodos para afastamento, mas a sua eficácia deixa a desejar – como as gravações que propagam sons emitidos por predadores. É que as gaiótas habituam-se e até em cima dos altifalantes poisam. Quem recorda o episódio é Rui Pinto, dos tempos em que era director da Marina de Cascais. “A gaióta é muito inteligente e rapidamente chega à conclusão de que



Traz binóculos, carne e o rol (um isco para as treinar) no borsal – nome dado ao saco que tem às costas





### A anilha

Tem a identificação CITES – uma espécie de BI da ave passado pelo ICNF, que atesta que é legal e está autorizada para aquela função

**A ANIMAL EXPERIENCE FAZ O AFASTAMENTO DE AVES EM CAMPOS AGRÍCOLAS COMO EM HOTÉIS DE LUXO**

**DESDE SETEMBRO DO ANO PASSADO O VASCO DA GAMA TEM DUAS ÁGUIAS DE SERVIÇO NA ESPLANADA**

aquilo é uma fraude. Os meus colegas, ao nível internacional, também se queixam”, conta. Agora, enquanto responsável pela área de segurança do novo porto de Lisboa, mostra-se entusiasmado com a presença das águias – acredita que farão a diferença.

Hugo Sousa é um dos vários especialistas a trabalhar para a Animal Experience, empresa que promove a protecção das espécies através de visitas a escolas, feiras medievais e outros eventos. Começaram com o afastamento de aves há cerca de sete anos, no Algarve (onde estão sediados), com clientes como a Quinta do Lago e outros hotéis e condomínios privados que queriam os pombos longe. “Usamos animais para afugentar outros animais; é um acto natural”, explica Paulo Almeida, dono da empresa, que entretanto cresceu e se expandiu. Estão em hotéis de luxo como em campos agrícolas (para afastar as aves que prejudicam determinados cultivos) e até num centro comercial. O Vasco da Gama, em Lisboa, tem duas águias e dois tratadores de serviço para vigiar a zona exterior, da esplanada.

“Os pombos estavam a criar grandes incómodos aos clientes por isso procurámos uma solução”, lembra Pedro Bandeira Pinto, director do centro comercial. Foi em Setembro de 2017 que contrataram o serviço, já com resultados visíveis: de vez em quando lá se avista um ou outro pombo por oposição às comunidades que antigamente se instalavam na esplanada, a bicar os restos de comida ali deixados.

Entretanto, o Vasco e a Gama (foram assim baptizadas as águias) já se tornaram uma atracção. “Há pessoas que querem fazer festas, outras que querem fugir a sete pés, há de tudo”, conta Alberto Silva. Há cerca de um mês que está a trabalhar com estas aves: todas as manhãs as vai levantar aos aposentos (pernoitam num local concedido pelo centro) e anota os pesos – tanto dos animais como da comida. É preciso calcular tudo ao grama. Mas, antes de mais, a primeira coisa a fazer é perceber qual é que está mais dis-



RICARDO FERREIRA

Sociedade

postas a trabalhar: "Se estiver fora do poleiro ou aos pulinhos, é porque está com mais vontade", explica. Depois, traz a ave ao braço e atravessa o centro para chegar à esplanada. Há muitos barulhos e distrações, por isso tenta que a passagem seja rápida. No início, tinha de controlar a águia que ficava interessada numa montra de carne: "Tive de a ir aproximando para ela perceber que havia um vidro e que era difícil lá chegar."

Os pedidos de legalização de aves de rapina têm vindo a aumentar nos últimos anos – quem confirma é o Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) que, aliás, tem de ser sempre informado do paradeiro das aves registadas. Lembra, ainda, que se nota uma tendência desde 2017: "Começaram a aparecer pedidos de espantamento de aves urbanas como pombos e galvotas com recurso a aves de rapina."

### Na Baixa e no aeroporto

De visita ao museu da Falcoaria Real, em Salvaterra de Magos, um falcão posa, dando as boas-vindas aos visitantes. É uma das 60 aves ao serviço da Falcoaria-Cetraria Lda., que tem seis falcoeiros a trabalhar em permanência (e outros dois em formação) em áreas de entretenimento como em controlo de avifauna – rejeitam o conceito de controlo de pragas. A empresa de Rui Fortunato e Rui Carvalho está um pouco por todo o País desde 2009, mas nos últimos tempos a diversificar cada vez mais. Foi há poucos dias que começaram um novo serviço, no Spacio Shopping (Olivais), para afastar os pombos da esplanada, mas também têm águias

### Peso e ofício

As águias trabalham desde pequenas e chegam aos 30 anos

## 1 ano

A partir de um ano de idade já estão aptas para trabalhar num aeroporto, por exemplo

## 7 anos

O tipo de trabalho muda, com a idade. A partir dos 7 anos, as aves tornam-se mais preguiçosas e passam a fazer apenas visitas a escolas ou feiras medievais, conta Paulo Almeida

## 600

gramas é quanto pesa uma águia adulta em forma – um falcão pode ultrapassar quilo e meio

na Baixa, ao serviço da Câmara Municipal de Lisboa [que, até ao fecho da edição, não deu acesso à SÁBADO para conhecer mais detalhes].

O objectivo é afastar e não matar. A ressalva é várias vezes feita por empresas e falcoeiros. Talvez por isso mesmo, a técnica parece reunir consenso. "Parece-me bastante positivo", diz Pedro Geraldês, da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves. "Não tem um grande impacto na fauna porque apenas se impede a presença destas aves, que acabam por se mudar para outro lado." Essa mudança torna-se mais difícil se as aves procurarem o local para se alimentarem – exige que o

Alberto Silva tem de atravessar o Centro Comercial Vasco da Gama para chegar à esplanada: no início a águia inclinava-se para as montras com carne

afastamento tenha maior regularidade. É o que acontece com o aeroporto de Lisboa. "É uma enorme mancha verde e plana – quando chove, no fim do Verão, há uma série de insectos e as andorinhas vão-se alimentar deles. Há que tomar precauções." As palavras são de António Carapuço, à frente da Volatária, empresa que usa falcões treinados para diferentes serviços: nos aeroportos de Lisboa e de Faro e em aterros sanitários e, noutra vertente, no estádio do Benfica, com a águia Vitória.

No aeroporto de Lisboa há quatro falcoeiros e oito falcões – é o mais indicado para o trabalho ao ar livre, porque voa mais alto e atinge maior velocidade. Os falcoeiros estão sempre em contacto com a ANA e de dois em dois meses há uma reunião especial com elementos da segurança e representantes dos pilotos, para partilharem dúvidas e dificuldades. Compete aos falcoeiros lembrar se é necessário fazer algum corte de vegetação ou ter especial atenção a algo, como a população de andorinhas (na Primavera). O nascer e o pôr-do-sol marcam dois momentos importantes no aeroporto: "É quando os animais mais se movimentam. No nascer-do-sol estão a acordar e movimentam-se ao fim do dia, vão procurar sítios para se abrigar", lembra António Carapuço. Os horários de trabalho de falcões e falcoeiros dependem da altura do ano: no Verão há mais horas de sol, por isso mais horas de trabalho. A empresa que criou, em 1999, surgiu entre quatro amigos falcoeiros que responderam a um pedido: levar uma ave de rapina a um aterro sanitário, para afastar as galvotas. Desde então que têm crescido: têm cerca de 30 aves a patrulhar os céus em vários pontos.

No aeroporto, os animais vivem numa vivenda ali perto: os falcões estão num amplo pátio fechado e vão sendo, alternadamente, chamados às missões. Entre eles há alguns que não são obrigados a apresentar-se ao serviço. "As gaiolas também são para os reformados", lembra. Também merecem. □

## Nome

Não respondem ao nome, como um cão. A ligação que as aves estabelecem com o tratador é a da recompensa: quando regressam têm comida



### Harris

É a espécie de águia mais recorrente neste tipo de serviço: é mais social (vive em grupo) e tem um voo mais baixo do que o falcão

**A EMPRESA QUE TRABALHA COM A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA ESTÁ TAMBÉM NO SPACIO SHOPPING (OLIVAIS)**